METODOLOGIAS ATIVAS E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Iracema Souza de Oliveira [1]
Orientador do Trabalho[2]
Dr. Mário Alberto dos Santos

RESUMO

O presente trabalho, vinculado a uma pesquisa de mestrado em Ensino do PPGE/UFOB, analisa o relato de uma sequência didática desenvolvida para turmas do 1º ano do Ensino Médio, voltada ao ensino de temas complexos da Geografia Física: orientação espacial, coordenadas geográficas e fusos horários. O problema central da pesquisa reside no desafio histórico de mediar conteúdos que exigem alto grau de abstração e raciocínio lógico-matemático, frequentemente abordados na educação básica de forma puramente mecânica, mnemônica e descontextualizada. O objetivo geral foi avaliar como a integração entre metodologias ativas e o uso de organizadores prévios pode facilitar a transposição didática e promover uma Aprendizagem Significativa. A justificativa fundamenta-se na necessidade urgente de superar o modelo tradicional de ensino expositivo, alinhando-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular que preconizam o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo discente. A hipótese norteadora é que a utilização de estratégias colaborativas permite ao estudante ancorar novos conceitos científicos em seus subsunçores (conhecimentos prévios), conferindo relevância e aplicabilidade prática ao saber geográfico. A metodologia, de natureza qualitativa e do tipo relato de experiência, estruturou-se em três etapas interdependentes: inicialmente, utilizou-se a exposição mediada por recursos visuais dialógicos que funcionaram como organizadores prévios para nivelar os conceitos de rotação e incidência solar. Na segunda etapa, aplicou-se a técnica do "aprender fazendo" por meio de práticas de localização em grades de pontos, permitindo a manipulação física de coordenadas antes da transposição para o mapa-múndi. Por fim, utilizou-se a Instrução pelos Pares (Peer Instruction) para o cálculo de fusos horários, transformando a resolução de problemas em um processo social de coaprendizagem. Os

[1] Mestranda em Ensino do Programa de Pós Graduação PPGE da Universidade Federal do Oeste da Bahia- UFOB, iracema.oliveira@ufob.edu.br;
[2] Professor Dr Orientador do Programa de Pós Graduação em Ensino-PPGE da Universidade Federal do Oeste da Bahia-UFOB, Mario.alberto@ufob.edu.br;

resultados indicam que a mobilização de conhecimentos prévios e a interação social mitigaram significativamente a resistência inicial dos estudantes aos temas cartográficos. Observou-se uma transição da memorização de fórmulas para uma compreensão lógica, evidenciada pela capacidade dos discentes em verbalizar e justificar seus raciocínios espaciais durante as correções coletivas. Notou-se, ainda, que o erro, quando utilizado como dado pedagógico nas discussões entre pares, favoreceu uma reestruturação cognitiva mais sólida. Conclui-se que a inserção de metodologias ativas, aliada à mediação docente intencional, é capaz de transformar dados técnicos em ferramentas vivas de análise social. Embora uma intervenção isolada não esgote a formação da literacia espacial, a prática demonstrou que o protagonismo discente é fundamental para uma Geografia escolar que promova a interpretação crítica do espaço vivido e das dinâmicas do mundo globalizado.

Palavras-chave: Cartografia Escolar. Ensino de Geografia. Sequência Didática. Protagonismo Estudantil. Teoria de Ausubel.